



Ana Côte-Real

**OPINIÃO**

## “Eu sempre fiz assim!”

Quem ensina, mais do que qualquer outra pessoa, tem de se “despir” desta forma de pensar, e ensinar aos alunos exatamente o oposto.

4 de Abril de 2019, 13:32

Quantas vezes ouvimos esta expressão, dita em tom de exclamação, e até de algum autoritarismo? Esta expressão é o sinal mais evidente das barreiras à mudança, ao desenvolvimento, à melhoria da qualidade da gestão, com o qual muitas organizações se deparam.

E desengane-se quem acha que só algumas empresas, alguns setores de atividades, convivem com este *mindset*. Esta forma de pensar atua em diversos contextos. Mas, há um onde esta forma de reagir é uma enorme armadilha... O contexto do ensino!

Quem ensina, mais do que qualquer outra pessoa, tem de se “despir” desta forma de pensar, e ensinar aos alunos exatamente o oposto. Ensinar e, sobretudo, mostrar com o seu próprio comportamento. No ensino há a obrigação de inovar nos conteúdos, nas pedagogias, na experiência da aprendizagem, de forma a se dar resposta aos atuais desafios das empresas.

Um gestor bem preparado nunca usará esta expressão, pois terá necessariamente um sólido pensamento crítico que o fará ser capaz de pensar nos problemas, e de articular soluções únicas e lógicas, sobretudo quando se depara com informação imperfeita, ambígua ou em excesso.

Um gestor com pensamento crítico não age por repetição, tradição, isto é, porque sempre fez assim. E as escolas de negócio têm a obrigação de estimular os seus participantes a adquirir, ao longo da formação, competências de pensamento crítico, para que sejam capazes de justificar e argumentar eficazmente, que sejam capazes de testar conclusões de forma a garantirem consistência, que sejam capazes de fomentar processos assentes no *“reasoning thinking”*.

Nas escolas não podem existir vozes a ecoarem: “Eu sempre fiz assim”. Nos espaços de ensino, o “sempre” deve dar lugar a “será que”. Nos espaços de ensino devem-se questionar metodologias, conteúdos, a forma de fazer as coisas. É tempo de sabermos ligar, nas instituições de ensino, a missão, às competências e aos objetivos das escolas, em ligação com o mercado.

Quando assumimos o “Eu sempre fiz assim” é porque não compreendemos que a gestão é uma arte, muito além do conhecimento. E que a arte é uma atividade humana realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, que implica um processo criativo, tentando dar um significado único e diferente a cada obra. Na arte, como na gestão, não há uma única forma de fazer as coisas.

*“The trouble with our times is that the future is not what it used to be”*

Paul Valéry

Docente da Católica Porto Business School